

# Apresentação da Carta de Marx a Engels em 07 de Dezembro de 1867

Maurício Vieira Martins\*

João Leonardo Medeiros\*\*

Pode a crítica da economia política de Marx ser seccionada de sua proposta de superação da sociedade capitalista? A ser viável tal possibilidade, estaria aberto o caminho para a apropriação de certos conteúdos presentes na referida crítica, mas agora depurados de suas implicações comunistas. Tal questão surgiu bem cedo no debate internacional; na verdade, como veremos, já durante a vida do próprio Marx. A carta que reproduzimos a seguir traz elementos para este debate.

Embora não passe de uma correspondência informal entre dois amigos, a carta de Marx a Engels datada de 07 de dezembro de 1867 tem o que podemos chamar de vocação natural para a polêmica, pois seu conteúdo é capaz de suscitar interpretações variadas.<sup>1</sup> (Marx, 1987) É possível, por exemplo, acompanhar Guy Debord, que viu na carta uma confissão de Marx do “limite de sua própria ciência”. (Debord, 1997, p.59) De acordo com Debord, portanto, a carta poderia ser tomada como indício de, que, na esfera pessoal, Marx não nutria

“esperanças exageradas na previsão científica”. Marx teria propagado tais “esperanças exageradas” em meio à sua “participação na luta pelo proletariado” de forma convincente o bastante para “criar as bases intelectuais das ilusões do economi[ci]smo”. (Idem)

Também é possível, no sentido diametralmente oposto, entender que Marx, na realidade, não é partidário das teses defendidas na carta, as quais ele pretendia imputar a um autor fictício. É preciso esclarecer a viabilidade desta segunda interpretação contextualizando o documento. O *leitmotiv* de grande parte da correspondência de Marx no final de 1867 é a fria recepção do primeiro volume de *O capital* na Alemanha. A primeira edição da obra, lançada em 14 de setembro de 1867, foi praticamente ignorada pela crítica especializada, sem suscitar muitos comentários, favoráveis ou negativos.

A ausência de reações a um texto prometido e esperado por tanto tempo fez que Marx e Engels passassem a suspeitar de uma “conspiração de silêncio” orquestrada pela burguesia e sua imprensa. Em novembro de 1867,

\* Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do NIEP-Marx.

\*\* Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do NIEP-Marx.

<sup>1</sup> A referência da carta em alemão, a língua em que foi escrita, é (Marx, 1965).

Marx informa a Victor Schily a existência da “conspiração de silêncio” e o arregimenta para o exército que a enfrentaria com a publicação de trechos da obra e/ou de resenhas provocativas em periódicos diversos. Com isso, Marx esperava vencer em pouco tempo a batalha contra aqueles que pretendiam relegar sua obra-prima ao ostracismo, como comprova o seguinte trecho da carta (a Schily): “Meu editor está satisfeito com as vendas na Alemanha. A gang liberal e economista-vulgar tem tentado, é claro, atingi-las o quanto puderem com seu método tentado e testado de *conspiration de silence*. Mas desta vez eles não terão sucesso”.

Um ano e meio mais tarde, Marx ainda reclama da conspiração de silêncio com seu habitual correspondente, o Dr. Kugelmann, num tom discrepante com relação ao de 1867: “A covardia dos especialistas, de um lado, e a conspiração de silêncio da burguesia e da imprensa reacionária, de outro, estão me fazendo um grande mal”. (Marx, 1988, p.213-214) A correspondência entre as duas datas (novembro de 1867 e fevereiro de 1869) prova, no entanto, que o fracasso da tentativa de romper a conspiração de silêncio não pode ser atribuído à inércia de Marx, Engels, seus amigos e partidários. Foram muitos os que, de fato, engajaram-se na luta para chamar a atenção do público – particularmente da classe trabalhadora – para *O capital*.

A carta de 7 de dezembro de 1867 encontra-se no início da emprei-

tada contra a conspiração de silêncio, de modo que ainda encontramos em Marx o vigor do lutador otimista com a vitória de sua estratégia. O autor tratava, com Engels, a publicação de uma resenha, assinada por um crítico fictício, destinado a induzir o liberal Karl Mayer – editor de um jornal – a publicar tal comentário e, portanto, indireta e involuntariamente contribuir para a divulgação de *O capital*. Na carta, Marx apresenta a Engels uma proposta de redação na qual há uma apreciação crítica de *O capital* que reconhece virtudes e problemas.

Inicia aí toda a polêmica interpretativa, pois, em primeiro lugar, não é possível saber exatamente em que medida as palavras do crítico fictício expressam ideias do próprio Marx ou são apenas uma caricatura mais ou menos grosseira (conforme a interpretação) destinada a atrair a atenção de Mayer e do público em geral. Há passagens que dão a impressão de que Marx põe na língua do pseudocrítico suas ideias, como aquela em que ele estabelece um paralelo de sua análise com a de Darwin: o autor de *O capital*, diz o crítico-fictício, “demonstra que a sociedade atual, economicamente considerada, está grávida de uma forma nova, superior, ele está apenas apontando que a sociedade tem o mesmo processo gradual de evolução que Darwin demonstrou existir na história natural”. Em outras passagens, pode-se ter a impressão inversa, de que Marx expressa ideias opostas às suas: “graças à sua abordagem críti-

ca, o autor [Marx] tem, talvez *malgré lui* [apesar de si próprio], declarado a sentença de morte de todo o socialismo no livro, i.e., do utopismo para todo o sempre”.

Em nosso juízo, ao criar um imaginário resenhista liberal para sua obra máxima – resenhista que, após a leitura de *O capital*, decretou a inteira falência do socialismo –, Marx finda por trazer esclarecimentos adicionais ao modo como ele próprio concebe seu projeto político. Recordemos: para o personagem fictício, a argumentação econômica de Marx é em substância correta, mas não o seu projeto de uma sociedade socialista (situado sumariamente no rol das “fantasias subjetivas”).

Curioso é notar que aqui se manifesta uma questão filosófica clássica, qual seja: a partir da análise de um *ser* efetivamente existente (no caso, a sociedade capitalista), é possível extrair algum tipo de *dever ser* (um projeto emancipatório)? A tradição kantiana, de onde bebe o liberalismo, responde esta pergunta com um enfático *não*: ser e dever ser são concebidos como duas ordens qualitativamente distintas. Pois enquanto o primeiro, entendido como mundo

objetivo, preenche os requisitos a serem tematizados pela razão teórica, já o segundo estaria, em sua radical exterioridade, sobretudo no âmbito de uma postulação da vontade.<sup>2</sup>

Mas ora, uma das originalidades do projeto de Marx é exatamente questionar a verdadeira muralha chinesa erguida entre o real e a orientação ética para a ação (pois tal é, afinal, uma das referências mais relevantes deste debate). Prova contundente disso pode ser localizada em *A guerra civil na França* – análise realizada por Marx no calor da hora dos acontecimentos da Comuna de Paris. Nela, encontramos uma incisiva tomada de posição, que toca diretamente no ponto aqui em exame. Referindo-se à ação político-social dos trabalhadores, o texto sustenta que eles “não têm nenhuma utopia já pronta para introduzir *par décret du peuple*. [...] Eles [os trabalhadores] não têm nenhum ideal a realizar, mas sim querem libertar os elementos da nova sociedade dos quais a velha e agonizante sociedade burguesa está grávida”.<sup>3</sup> (Marx, 2011, p.60)

Aqui, o socialismo é formulado não como o resultado de um ato da vontade – embora ela certamente seja

<sup>2</sup> Ouçamos Hans Kelsen, possivelmente um dos kantianos mais influentes do século 20 (ainda que o kelsenianismo, em termos políticos, não possa ser considerado um liberalismo): “Do fato de algo *ser* não pode seguir-se que algo *deve ser*; assim como do fato de algo *dever ser* se não pode seguir que algo é. O fundamento de validade de uma norma apenas pode ser a validade de uma outra norma.” (Kelsen, 1999, p.135; grifo no original)

<sup>3</sup> É interessante assinalar que Marx concebe o comunismo *negativamente*, como movimento de dissolução da sociedade capitalista, desde a juventude. Numa de suas anotações em *A ideologia alemã*, Marx esclarece que: “O comunismo não é para nós um estado de coisas [*Zustand*] que deve ser instaurado, um Ideal para o qual a realidade deverá se direcionar. Chamamos de comunismo o movimento real que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento [...] resultam dos pressupostos atualmente existentes”. (Marx & Engels, 2007, p.38)

indispensável – dos trabalhadores ou do partido político, mas antes como um conjunto de tendências que já se manifestam no interior mesmo da lógica estranhada da sociedade burguesa. Por isso, é mutilação grave da obra marxiana supor ser possível seccionar a análise econômica de seu projeto social e político (tal como era o intento do imaginário resenhista liberal que a presente Carta de Marx encena). Dito de outro modo: ao invés da exterioridade de uma vontade que se põe finalidades, como na tradição kantiana, temos no marxismo a afirmação do primado de um real histórico. É este último que abriga em si certas tendên-

cias que devem ser devidamente desdobradas por quem as decifra e age a partir deste entendimento.

Por fim, uma observação sobre as notas selecionadas na tradução. Nas edições no idioma original, alemão, e em inglês utilizadas para a tradução da carta há diversas notas que foram omitidas. Tais notas oferecem esclarecimentos biográficos e/ou históricos indispensáveis para uma coleção do tipo “obras completas”, mas dispensáveis para a publicação atual, mais preocupada com o conteúdo do artigo. As notas de cada edição são mencionadas com MECW para a edição em inglês e MEW para a edição alemã.

### Referências

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KELSEN, Hans. *Teoria pura do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARX, Karl. “Marx to Ludwig Kugelmann, 11 February, 1869”. In: Karl Marx & Frederick Engels. *Collected Works*, V. 43 (1868-1870). New York: International Publishers, 1988, pp. 213-214.

MARX, Karl. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. “Marx to Friedrich Engels, 07 December, 1867”. In: Karl Marx & Frederick Engels. *Collected Works*, V. 42 (1864-1868). New York: International Publishers, 1987, pp.493-495.

MARX, Karl. “Marx an Engels, 7 Dez. 1867”. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Werke*, Band 31. Berlin, Dietz, 1965, pp.403-405.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

Recebido em abril de 2014

Aprovado em maio de 2014